

Contribuições da civilização sumeriana para a história da escrita

CONTRIBUTIONS FROM SUMERIAN CIVILIZATION TO THE HISTORY OF WRITING

Samuel Moreira de Souza¹

Resumo: Esse artigo versa sobre a história da escrita com foco na contribuição da civilização sumeriana. O objetivo geral foi o de pesquisar sobre a contribuição do povo sumeriano na história da escrita. Especificamente se objetivou: a) Apresentar aspectos históricos da civilização mesopotâmica; b) Descrever as principais contribuições da civilização sumeriana no campo da escrita; c) Analisar publicações científicas sobre a contribuição da civilização sumeriana na história da escrita, identificando potenciais campos de estudos para a Biblioteconomia. Metodologicamente, pesquisa se classifica como descritiva e exploratória, com ênfase na abordagem qualitativa e o procedimento técnico utilizado foi o de pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram aspectos históricos da civilização da mesopotâmia, com o surgimento da escrita de símbolos para documentar aspectos contábeis, tributários e médicos. Concluiu-se que existem poucas pesquisas sobre a temática da história da escrita na área da Biblioteconomia.

Palavras-chave: História da escrita. Sumérios. Escrita Cuneiforme.

Abstract: This article deals with the history of writing with a focus on the contribution of Sumerian civilization. The general objective was to research the contribution of the Sumerian people in the history of writing. Specifically, it aimed to: a) Present historical aspects of Mesopotamian civilization; b) Describe the main contributions of Sumerian civilization in the field of writing; c) Analyze scientific publications on the contribution of the Sumerian civilization in the history of writing, identifying potential fields of study for Library Science. Methodologically, research is classified as descriptive and exploratory, with emphasis on the qualitative approach and the technical procedure used was that of bibliographic research. The results show historical aspects of Mesopotamian civilization, with the emergence of symbolic writing to document accounting, tax and medical aspects. It was concluded that there is little research on the subject of the history of writing in the area of Library Science.

Key-words: History of writing. Sumerians. Cuneiform writing.

¹ Graduando do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: samuelm.sou@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo versa sobre a história da escrita com foco na contribuição da civilização sumeriana que se desenvolveu no período denominado “antiguidade”. De acordo com Silva e Silva (2009), existem diversas formas de compreensão do termo “antiguidade”. Neste estudo, adota-se a compreensão de Funari (1995, p. 35), de que “a compreensão sobre a antiguidade é fruto de criações da historiografia que se cruzam com a noção de clássico”. Do ponto de vista cronológico, Barbosa (2009) explica que o termo antiguidade refere-se, essencialmente, a um período bastante longo e impreciso delimitado entre o surgimento das primeiras civilizações (por volta de 10.000 a.C.). Apesar de haver questionamento em relação a essa datação, essa pesquisa se detém em assuntos relacionados à Suméria no período de aproximadamente 2500 a.C.

Barbosa (2009) afirma que ao longo de milhares de anos, certas regiões com recursos naturais mais favoráveis e a partir de uma longa vivência, constituiu-se uma consciência de vida em comunidade: estabeleceram-se famílias com certa segurança que cultivavam, criavam alguns animais e erguiam abrigos. Para Garbini (1966), a história da civilização começou nos dois grandes vales dos rios Tigre e o Eufrates na Mesopotâmia (que em grego significa terra entre dois rios). Essa era uma região de vasta área plana, terra fértil, clima ameno e muita água que descia das montanhas. Ainda do ponto de vista geográfico, esse vale era acompanhado de férteis sopés das cordilheiras montanhosas do norte, onde se formou o chamado crescente fértil que se estendeu em arco sobre a Mesopotâmia setentrional até a Palestina, através da Síria setentrional e a região costeira do Mediterrâneo (Fenícia). Hoje os rios Tigres e Eufrates atravessam países como Turquia, Síria e Iraque desembocando no Golfo Pérsico. (GARBINI, 1966)

Explica Childe (1978) que, no período de 7000 a.C, os povos orientais se fixaram próximo aos rios Nilo, Tigre, Eufrates, Ganges, Indo e Jordão e que, por isso, são chamados de civilizações de regadio, por usarem as cheias desses rios para a agricultura. Após o domínio da agricultura, esses povos passaram a ser chamados de produtores. De acordo com Barbosa (2009), um grupo de nômades se agrupou e se estabeleceu nessa região, onde aprenderam a plantar sementes, a colher alimentos e, com essa prática, formaram os primeiros povoados da história. Graças à agricultura e a pecuária deixaram de ser nômades e passaram a ser sedentários. Nessa condição, começaram a dividir o trabalho e criaram ofícios novos e diferentes, foi assim que apareceram os profissionais, aqueles que se dedicavam a governar e

a proteger seu povo. Essa nova estrutura deu às pessoas mais tempo para rezar, para construir os primeiros templos e para preparar os primeiros sacerdotes. Essas informações são de Cardoso (1995) que descreve também a existência de um longo período de desenvolvimento e organização social nas aldeias, tendo como a atividade essencial a agrícola.

Rosa (2012) explica que antes do surgimento da escrita, a informação das práticas cotidianas das comunidades multifamiliares era transmitida oralmente.

A linguagem falada permitiria melhor convivência social entre os diversos grupos multifamiliares, ao mesmo tempo em que o avanço econômico e a divisão de trabalho favoreciam um empírico desenvolvimento técnico, de efeito altamente positivo, nas condições de vida das populações. A noção de propriedade privada se estenderia aos meios de produção e ao campo, consolidando-se a hierarquização social, com uma classe rica, dominante, próxima e beneficiária do poder político, exercido por um governante, apoiado por uma casta sacerdotal. A tradição, os costumes, as crenças e o conhecimento técnico eram transmitidos oralmente, de geração a geração, constituindo-se na característica marcante dessas comunidades. (ROSA, 2012, p.48)

E por suas práticas serem transmitidas oralmente, muitas informações se perdiam quando passadas de geração para geração. Por isso, a humanidade avançou e retrocedeu várias vezes, inovações se perdiam e eram redescobertas uma vez que os homens não tinham como registrar, de forma padronizada, os acontecimentos. Devido à inexistência de um padrão identificável de comunicação, apenas se conhecem indícios arqueológicos de como o homem vivia nesse período (RAMOS, 2011).

Para contornar o problema da falta de registro, ainda na pré-história, o homem tentou expressar os acontecimentos que julgava mais importante por meio de desenhos (pictográficos) nas paredes das cavernas. No entanto, a pintura rupestre não é considerada uma forma de escrita, pois não existia uma padronização nas representações gráficas e não havia uma organização no sentido daquilo que queriam comunicar. Explica Ramos (2011) que a humanidade teve que esperar até o surgimento das primeiras civilizações para que a escrita de signos fosse inventada.

De acordo André e Bufrem (2012)

A partir da teoria histórico-cultural podemos entender que a escrita é um sistema de instrumentos, porque se manifesta externamente através das suas funções sociais, por exemplo, noticiar, entreter, divulgar, comunicar. Também é um sistema de signos, porque modifica a relação do homem consigo próprio, quando este utiliza a escrita para organizar e sistematizar ideias, para obter conhecimento e prazer ou como recurso à memória. (ANDRÉ; BUFREM, 2012. p. 28)

O sucesso dos povos que viviam na Mesopotâmia fez com que pessoas de diferentes regiões imigrassem para as terras da região. Rosa (2012) destaca que esse fenômeno se deve aos férteis vales dos rios Eufrates e Tigre. Nesse espaço, o povo que mais se destacou foi o sumério, por serem o primeiro povo a se estabelecer, imigrando das terras altas do Irã, fundindo com a população nativa em, aproximadamente, 3.500 a.C (GARBINI,1966).

De acordo com Barbosa (2009) a medida que os povos foram se desenvolvendo economicamente na agricultura, arquitetura e metalurgia, as atividades comerciais de trocas em diferentes grupos foram surgindo. Para Childe (1978), esse intercâmbio comercial foi o responsável pela divulgação de crenças, valores e conhecimentos responsáveis pelas mudanças sociais. Segundo o mesmo autor, nos locais onde ocorriam essas trocas foram se desenvolvendo as primitivas cidades que surgiram de acordo com as necessidades da população local.

Sobre essas primeiras “cidades” da história, Pinsky (2011) salienta que:

Há 5 ou 6 mil anos não havia referências para serem seguidas ou parâmetros previamente estabelecidos e a estruturação das cidades decorre de uma série de circunstâncias sociais complexas a ponto de, até hoje, não haver consenso a respeito dos fatores mais relevantes a respeito do tema (PINSKY, 2011, p.58).

Ainda de acordo com Pinsky (2011), a Mesopotâmia pode ter sido o lugar de surgimento das primeiras cidades devido às condições favoráveis para o desenvolvimento social e cultural, uma vez que as necessidades básicas podiam ser nutridas pelo desenvolvimento agrícola. Para Rosa (2012) o surgimento das grandes civilizações, às margens dos vales do Tigre e Eufrates, foi fruto de uma amálgama social. De acordo com Ramos (2011), primeiramente vieram os sumérios e, mais tarde, os babilônicos, assírios e acádios.

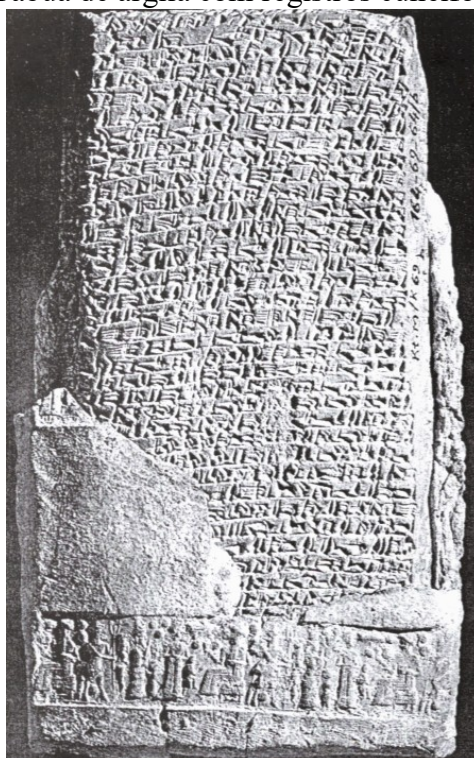
Sobre os diferentes povos que viviam na Mesopotâmia, Barbosa (2009) destaca três: sumérios; acádios; assírios. Entre as principais contribuições do primeiro está o desenvolvimento de um sistema de comunicação registrado, o que se denominou escrita de signos. Rosa (2012) descreve que a escrita de signos sumeriana foi uma invenção que surgiu por volta de 3.500 a.C, em Uruk, uma das cidades da Suméria, devido à necessidade de registrar as atividades e decisões dos líderes, assim como os interesses comerciais (ROSA, 2012). A oralidade se fazia ineficaz para esses propósitos, razão para o desenvolvimento de

uma técnica comunicacional de registro, fator indispensável para a preservação e divulgação da cultura que acabou se tornando um marco para o desenvolvimento da humanidade. (ROSA, 2012).

Segundo Pozzer (1999, p.62) “a ideia da escrita surgiu na pré-história, desde o período neolítico e durante milênios, o homem praticou sistemas de contabilidade utilizando símbolos numéricos”. O mesmo autor afirma que os documentos mais antigos foram encontrados em um templo na cidade de Uruk, na Suméria, tendo 3200 anos de idade, sendo tabletas de argila com escrita cuneiforme. De acordo com Ramos (2011), os ideogramas e letras eram desenhados na argila molhada, depois as placas tinham que ser cozidas, formando peças de cerâmica.

No entanto, no que se refere à datação, Ramos (2011) defende que a escrita surgiu por volta do ano 4.000 a.C. na Mesopotâmia, entre os rios Tigres e Eufrates, Oriente Médio, onde hoje é o Irã e Iraque. Para este autor, o primeiro povo a utilizar deste instrumental foi o sumeriano pela necessidade de contabilizar as oferendas dos templos, cunhando ideogramas e desenhos de objetos que representavam ideias. Pela denominada escrita cuneiforme, os sacerdotes passaram a representar sons por meio de sinais gráficos, dando origem também à escrita fonética.

Figura 01. Tábua de argila com registros cuneiformes



Fonte: Pozzer (1999, p.76)

A escrita, desde sua invenção, ocupou um papel político e religioso, restringindo o acesso à escrita a uma pequena elite que controlava o destino da ampla maioria da população. Somente a nobreza, sacerdotes e escribas eram versados na arte da escrita, com exceção dos funcionários públicos responsáveis pelo registro escrito dos negócios do Estado, passando seus conhecimentos de pai para filho, guardando os segredos do letramento (RAMOS, 2011).

Hooker (1996) descreve que há controvérsias que a Suméria desenvolveu o sistema de escrita analítica, podendo ser em regiões situadas a leste ou a noroeste. Ainda assim, a Suméria, teoricamente, poderia ter sido o centro de onde a escrita se espalhou. Salienta Ramos (2011) que a escrita sumeriana não tinha semelhança com o alfabeto atual de 26 letras. Pelo contrário, era composta de 2.000 sinais diferentes, embora os símbolos mais utilizados estivessem restritos a 300 caracteres.

Conforme Barbosa (2009), a escrita cuneiforme, juntamente com os hieróglifos egípcios, se constitui como a mais antiga forma de escrita humana. Há divergência entre os pesquisadores sobre qual é a origem da escrita e a data. No entanto, essa pesquisa se detém sobre a escrita de signos sumeriana, devido a sua importância na antiguidade e, em específico, à história da escrita. Esta técnica possibilitou à sociedade os avanços no campo documental, espaço em que se constitui a história dos livros, das bibliotecas e, conseqüentemente, da Biblioteconomia. Por isso, a pergunta que motivou a pesquisa da qual resultou este artigo foi: Quais as contribuições da civilização sumeriana no contexto da história da escrita?

O objetivo geral foi o de pesquisar sobre a contribuição do povo sumeriano na história da escrita. Especificamente se objetivou:

- a) Apresentar aspectos históricos da civilização mesopotâmica;
- b) Descrever as principais contribuições da civilização sumeriana no campo da escrita;
- c) Analisar publicações científicas sobre a contribuição da civilização sumeriana na história da escrita, identificando potenciais campos de estudos para a Biblioteconomia.

Como justificativa, apresentam-se as seguintes:

- a) Do ponto de vista científico, a pesquisa se justificou por que os sumérios foram povos que deixaram um legado potencializador da ciência e por existir pouca produção científica sobre o tema na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Desta forma, o autor foi instigado a avançar estudos para que

possa contribuir com a área de História da Escrita e das Bibliotecas, área de interesse da Biblioteconomia.

- b) No aspecto social, pesquisas sobre o passado ajudam a sociedade a entender o presente. Assim, pesquisar sobre os sumérios contribui para demonstrar o que eles ajudaram na sociedade.
- c) Do ponto de vista pessoal, foi a curiosidade que motivou a realização da pesquisa. No primeiro momento, para saber onde se iniciou a escrita e, em decorrência disso, se verificou a escassez de material sobre o assunto voltado para a Ciência da Informação. A falta de trabalhos acadêmicos em língua portuguesa levou o autor a perceber a relevância de uma pesquisa sobre essa temática em seu trabalho de conclusão de curso.

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica é a investigação de um assunto proposto para fins de esclarecer o objetivo em estudo. Conforme Bastos (1994, p.55) “A finalidade das pesquisas em nível de graduação é levar o estudante a refazer os caminhos percorridos, repensando o mundo”. O método, segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 40), é a reunião de “atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Dentro dos critérios de classificação metodológica, a pesquisa proposta é descritiva, pois, “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis” (MENEZES, 2009, p. 17). A natureza científica do estudo é exploratória com ênfase na abordagem qualitativa. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa é bibliográfica. De acordo com Boccato (2006),

[...] a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

Segundo Silva e Menezes (2005), a pesquisa bibliográfica auxilia em pesquisas teóricas, pois se constitui por métodos elaborados a partir de materiais publicados (artigos e livros, em geral). Nesse aspecto, também contribui o que explica Horn (2001, p.10), uma vez que na pesquisa bibliográfica “[...] o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema: objeto de investigação”.

O procedimento técnico adotado para atender a todos os objetivos da pesquisa se baseou no esquema de pesquisa proposto por Gil (2008) e descrito no Quadro 01.

Quadro 01 – Procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica

Procedimento técnico	Atividade realizada
I) Formulação do problema	Definição da pergunta e objetivos da pesquisa.
II) Elaboração do plano de trabalho	Estabelecimento do cronograma da pesquisa previsto pela disciplina Projeto de Pesquisa do curso de graduação em Biblioteconomia.
III) Identificação das fontes	Levantamento de livros e artigos científicos.
IV) Localização das fontes e obtenção do material	Os livros foram localizados na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. Os artigos foram recuperados nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), Directory of Open Access Journals (DOAJ).
V) Leitura do material	Todos os livros e artigos foram lidos.
VI) Confeção de fichas	O fichamento foi elaborado a partir de planilhas do Microsoft Excell com campos específicos para descrição dos dados para referência, palavras chaves, citações e conteúdo de cada artigo (resumo, objetivos, tipo de pesquisa e resultados).
VII) Construção lógica do trabalho	Elaboração de um sumário executivo para a escrita do artigo.
VIII) Redação do texto	Estrutura em formato de artigo científico.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Gil (2008).

Para os objetivos específicos “a” e “b” foram analisados os seguintes livros:

Quadro 2: Referência dos livros utilizados da biblioteca universitária

BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Ática, 1998.

GARBINI, G. **Mundo antigo**. Rio de Janeiro: José Olympio: Expressão e Cultura, 1966.

HOOKER, J. T. **Lendo o Passado: do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Os livros supracitados encontram-se disponíveis na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. A seleção foi feita por meio de pesquisa no catálogo *Pergamum*, utilizando como termo de busca a expressão “história da escrita”, no campo “título”, unidade de informação “todas”, tipo de obra “livro”. Nessa busca, o resultado quantitativo superou 40 títulos recuperados. No entanto, pela leitura e análise dos metadados “títulos” e “assuntos” apenas quatro obras se fizeram pertinentes à pesquisa.

Para atender o objetivo “c” foram analisadas as publicações científicas acerca da civilização sumeriana a fim de identificar suas contribuições para a história da escrita, traçando potenciais relações com a Biblioteconomia. A busca foi realizada no mês de junho de 2020 nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), Directory of Open Access Journals (DOAJ). A busca foi “simples” e sem delimitação de tempo a partir dos seguintes descritores: Escrita Suméria, Civilização Mesopotâmica, Civilizações Antigas, Oriente Médio Antigo, “biblioteca história”. Os resultados constam no Quadro 03.

Quadro 03 – Resultados recuperados pela busca simples

Termo de busca	BASE DE DADOS					
	BRAPCI		DOAJ		SciELO	
	Rec.	Sel.	Rec.	Sel.	Rec.	Sel.
Escrita Suméria	0	0	0	0	2	2
Civilização Mesopotâmica	0	0	1	1	0	0
Civilizações Antigas	0	0	15	1	9	1
Oriente Médio Antigo	0	0	3	0	2	0
História da escrita	68	1	1.148	5	543	3

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Conforme Quadro 3, portanto, obteve-se os seguintes resultados: na DOAJ, foram 1.167 resultados, sendo que apenas 7 se encaixam na relevância. Na BRAPCI, foram 68 resultados, com apenas 1 na relevância; e na SciELO somaram-se 566 resultados, onde apenas 6 foram relevantes. Como critério de relevância foi adotado a relação específica da civilização sumeriana com a história da escrita. Excluindo-se as duplicatas, o *corpus* documental de análise deste artigo totaliza 12 documentos, cujas referências estão descritas no Quadro 4.

Quadro 4: Corpus documental a ser analisado

BASE	REFERÊNCIA	Cod.
Brapci	LIMA, G. N. B. O. A transmissão do conhecimento através do tempo: da tradição oral ao hipertexto. Revista Interamericana de Bibliotecologia (Colombia), v. 30 No 2, n. 2, p. 275-285, 2007. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/137440 . Acesso em: 11 jun. 2020.	1.
DOAJ	GONÇALVES, M. Análise de práticas contabilísticas na antiga civilização mesopotâmica. Enfoque : Reflexão Contábil, Maringá, v. 29, n. 1, p. 09-17, abr. 2010. Disponível em: https://doaj.org/article/43946ac1ea4d466b9bdce3eda353e7dc . Acesso em: 11 jun. 2020.	2.
	SIMÕES, Sandro Nery. A importância da educação musical em antigas civilizações e no Brasil com a aprovação da Lei nº. 11.769/2008. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, v. 1, n. 184, p. 85-101, set. 2016. Disponível em: https://doaj.org/article/c0dcf7d8d5e44ac5ae921c3ddd8f4e0a . Acesso em: 11 jun. 2020.	3.
	MORALES, A. M. C.; PINEDA, C. M. R.; MONSALVE, O. O. V. La primera reforma tributaria en la historia de la humanidad. Entramado, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 152-163, 10 jan. 2019. Universidad Libre. http://dx.doi.org/10.18041/1900-3803/entramado.1.5419 . Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-38032019000100152&lang=pt . Acesso em: 11 jun. 2020.	4.
	GONÇALVES, M. de S. FERREIRA, T. M. T. B. da C. Cultura Escrita - Conhecimento e Poder: duas faces da mesma moeda? Revista Maracanan, Rio de Janeiro, v. 0, n. 16, p. 07-13, jun. 2017. Disponível em: https://doaj.org/article/309e07102c264cba8bc6377a2a678820 . Acesso em: 11 jun. 2020.	5.
	ROIZ, D. da S. A função das teorias na escrita da história. Revista de História, [s.l.], n. 161, p. 385, 31 dez. 2009. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (ÁGUIA). http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i161p385-390 . Disponível em: https://doaj.org/article/57c763aeaeb74d0996d4f578e5654441 . Acesso em: 11 jun. 2020.	6.
	REDE, M. Documentos cuneiformes inéditos do Museu do Louvre: os arquivos da Família Sanum. Clássica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 126-154, 27 jul. 2006. Clássica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos. http://dx.doi.org/10.24277/classica.v19i1 . Disponível em:	7.

	https://doaj.org/article/ca8ab65cc1374c9ab2d125f0a6eae489 . Acesso em: 11 jun. 2020.	
	COHEN, M. Resumo da História da Escrita. Revista de História, [s.l.], v. 40, n. 81, p. 137-151, 29 mar. 2017. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (ÁGUIA). http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1970.128945 . Disponível em: https://doaj.org/article/cc84123f9152417d9d61357287cc0e3a . Acesso em: 11 jun. 2020.	8.
SciELO	BRITO, Armando A. de Sousa e. Os materiais na história da escrita (das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais). Ciência & Tecnologia dos Materiais, Lisboa, v. 22, n. 1/2, p. 102-112, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/pdf/ctm/v22n1-2/v22n1-2a12.pdf . Acesso em: 11 jun. 2020.	9.
	CASTRO, F. dos S.; LANDEIRA, F. J. Alma, mente e cérebro na pré-história e nas primeiras civilizações humanas. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 141-152, abr. 2010. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722010000100017 . Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000100017&lang=pt . Acesso em: 11 jun. 2020.	10.
	ZANIRATO, S. H. A História Escrita: teoria e história da historiografia. História (São Paulo), Franca, v. 25, n. 1, p. 261-264, maio 2006. FapUNIFESP. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742006000100014&lang=pt . Acesso em: 11 jun. 2020.	11.
	GUIMARÃES, M. L. S. Vendo o passado: representação e escrita da história. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 11-30, dez. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200002&lang=pt . Acesso em: 11 jun. 2020.	12.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

3 RESULTADOS

Apresentam-se, neste item, os resultados obtidos na pesquisa de forma organizada pela sequência dos objetivos. Assim, no primeiro momento são descritos os resultados relacionados à investigação sobre a história da escrita, item 3.1, seguido pela história das bibliotecas, item 3.2, e história do livro, item 3.3, e, por fim, a análises d;a produção científica sobre a escrita suméria, item 3.4.

3.1 HISTÓRIA DA ESCRITA

O ser humano se comunica por meio de mensagens de diversos tipos: visuais, auditivas, gestuais. Para Almeida (2009) a comunicação é plena quando se utiliza a língua.

Comunicar, então, é a principal utilidade de determinado sistema linguístico. Para Hooker (1996), a língua nada mais é que um sistema de sons que não precisa ser escrito, havendo, inclusive, línguas não escritas, ou seja, línguas ágrafas. Já a escrita consiste na utilização de sinais para exprimir as ideias humanas em um determinado suporte.

De acordo com Pozzer (1999), a escrita pode ter surgido na pré-história, por meio de sistemas contábeis, através de símbolos que contribuíram para atividades administrativas. Pozzer (1999), diz que no período entre 7.000 - 4000 a.C. ocorreu o processo de sedentarização dos povos nômades para o surgimento de sociedades urbanas. É neste contexto histórico que surgiu a escrita.

Para Martins (2002), o sistema de escrita antigo foi anterior à invenção do alfabeto. Segundo o mesmo autor, a escrita antiga se constituía em um grande número de sinais silábicos, cada qual representando uma sílaba. Essa forma de registro foi utilizada na Mesopotâmia, aproximadamente 3000 a.C.

Conforme salienta Hooker (1996), foi em 3000 a.C. que a escrita silábica surgiu no antigo oriente médio. O número de sistema silábico era grande e feito a partir de sinais cuneiformes com aproximadamente 600 caracteres. Esse sistema foi usado na mesopotâmia, exatamente na Suméria, que foi denominado pelos especialistas de escrita cuneiforme.

Segundo Martins (2002), escrita cuneiforme apresenta-se em forma de cunhas impressas em argila mole pelo escriba e, após, levada ao fogo. De acordo com Pozzer (1999) os documentos mais antigos escrito em cuneiforme datam de aproximadamente 3200 a.C. e foram desenvolvidos na cidade de Uruk.

Ao explicar o formato da escrita cuneiforme Hooker (1996) explica que:

a extremidade do cálamo de madeira ou de junco que se aplica à argila primeiro fazia uma marca mais aberta do que o cabo; surgiu assim, a impressão típica em forma de cunha, que deu nome a esse sistema de escrita, isto é, cuneiforme (do termo latino *cuneus*, cunha) (HOOKER, 1996, p.21).

Até o século XIX a humanidade não havia decifrado as escritas antigas. De acordo com Martins (2002), foi o professor Georg Friedrich de Frankfurt que, em 1802, com 27 anos de idade, apresentou à Academia de Ciências de Gottingen os primeiros resultados dos seus estudos, decifrando as primeiras escritas cuneiformes. Pode-se perceber que a escrita atual é o resultado da contribuição de várias civilizações, tendo um resultado social e científico inestimável.

Instrumentos de escrita

Para Martins (2002), a civilização já empregou na escrita, e continua empregando, materiais (suporte e instrumentos de escrita) dos três reinos: mineral por meio da pedra, argila, metais e o chumbo; vegetal, por meio de madeira, papiro, algodão, folhas de palmeiras ou de oliveiras; animal, por meio de peles de animais. Corrobora Hooker (1996), explicando que o material de suporte da escrita mudou de acordo com a disponibilidade dos materiais em cada região.

Porém, os materiais mais utilizados como suporte da escrita foram os de origem vegetal. O Museu do Louvre, por exemplo, possui um papiro que data de 273 anos a.C., escrito em hieróglifos demótico que é a última escrita egípcia. Conforme Martins (2002), com as guerras, o papiro ficou escasso e, com a necessidade contínua de suportes para escrita, surgiu o papel, criado na China por volta do ano 105 d.C.

Salienta Martins (2002) que os instrumentos usados para imprimir os registros no suporte dependeram de cada época e sociedade. Os Caldeus, por exemplo, faziam uso de cinzel para gravar os tabletes de argila.

A civilização sumeriana, a mais antiga conhecida até hoje, utilizava como instrumento para imprimir o registro no suporte de argila o estilete de madeira, com a ponta prismática, de base triangular, usado para efetuar as inscrições cuneiformes, há aproximadamente 3.500 a.C. (GONÇALVES, 2010a). Já o Rosa (2012), afirma que o primeiro instrumento do sistema de escrita de signos foi um bambu talhado em forma de cunha, também inventado pelos sumérios.

Os Romanos utilizavam o stylus nas tabuinhas enceradas. Havia o instrumento em forma de haste de metal ou de osso, de um lado era pontudo e de outro achatado, sendo conhecido como cálamus. (MARTINS, 2002). Os Romanos usaram o cálamus de bronze para escrever em tábuas de argila, papiros e pergaminhos e, além disso, utilizam ainda instrumentos auxiliares, tais como a esponja para apagar as escritas e o raspador para limpeza do cálamus. Já a tinta romana era confeccionada com negro-de-fumo, goma e água com a adição de um pouco de vinagre. (MARTINS, 2002).

O que substituiu o cálamus foi a pena de ave, sendo que a mais usada era a pena da asa do pato, chamada remíguas, cujo preparo era feito por meio de mergulho em cinzas quentes. Sobre o uso deste instrumento de escrita, Brito (2010) explica que:

As penas preferidas eram as de ganso, de cisne ou de pato, devido à sua cânula larga e oca que se tornava um bom depósito para a tinta. Depois de convenientemente limpas e secas, a ponta era afiada em bisel e levemente fendida para que a tinta escoasse com regularidade. Naturalmente com o uso essa ponta desgastava-se pelo que voltava-se a afiá-la. No sec. XVII inventaram-se uns afiadores próprios. (BRITO, 2010, p.102)

Posteriormente, foram fabricaram penas de ferro e de bronze e, embora se tenha descoberto uma pena metálica na cidade antiga de Pompéia, seu uso se popularizou apenas no século XIX. De acordo com Martins (2002), a pena metálica de aço moderna foi desenvolvida em 1800 pelo americano Pellegrino Williamson.

O lápis foi inventado antes da pena metálica, ainda no século XVI. Em Cumbria, no Reino Unido, havia uma mina e lá foi descoberto um material que ao riscar deixava um traço. A fabricação de lápis iniciou em 1760 com o alemão Kaspar Faber. Após a invenção do lápis, nasceu a lapiseira, porta-minas, em 1822, criada por John Isaac Hawkins e Sampson Mordan. (BRITO, 2010).

A caneta substituiu a pena, constituída por uma haste de madeira ou de vários metais inclusive o ouro e marfim, até o material mais comum utilizado hoje em dia que é o plástico. O aparo de aço foi usado pela primeira vez na Inglaterra em 1780. Dentro do tubo iniciaram usando como tinta produtos como sais de cobre e de crómio, óxidos de ferro e ácido pícrico. Em 1834, o inglês Henry Stephens deu origem à produção industrial de tinta para escrita (BRITO, 2010).

3.2 HISTÓRIA DAS BIBLIOTECAS

A partir dos registros efetuados com a invenção da escrita, surgiram os locais para guarda e conservação desse material. Segundo Martins (2002), foram as bibliotecas os repositórios dos registros escritos, sendo as mesmas anteriores aos livros e até aos manuscritos. Nesse aspecto, a história das bibliotecas se constitui análise obrigatória para a compreensão do alcance da história da escrita, em especial, as bibliotecas da antiguidade.

De acordo com Cunha (1997) a palavra biblioteca é originária do grego *bibliothēke* (no latim *bibliotheca*), derivada dos radicais “biblio” e “teca” que significa livro, coleção ou depósito. Da mesma forma, para Fonseca (2007), o termo biblioteca vem do grego *bibliothēke*, através do latim *bibliotheca*, tendo raiz *biblion* e *thēke*. No entanto, hoje o conceito é mais amplo e estende a compilação de dados registrados em diversos suportes.

Para Medeiros (2019)

As bibliotecas surgem de uma necessidade do homem em manter seus registros. Durante milênios, os homens se agruparam em pequenos núcleos, que paulatinamente se organizaram em sociedades mais complexas. As marcas de suas mãos, os desenhos de animais nas cavernas, as esparsas inscrições em pedras e ossos evoluíram para novas formas de comunicação e para uma contínua busca do conhecimento. Quando a sociedade se tornou ainda mais complexa e as informações não cabiam mais na memória humana, nasce à escrita, há cerca de 5.300 anos (MEDEIROS, 2019, p.80).

Martins (2002) registra que as bibliotecas da Antiguidade se tipificaram pelo suporte em vegetais e minerais e que não eram públicas. Das bibliotecas da Antiguidade, a mais grandiosa foi a de Nínive, cujo Rei era Assurbanipal II. Há indícios que, em Uruck, na Suméria, existiu uma biblioteca com acervo econômico e catálogos de flora, fauna e minerais, em aproximadamente 4.110 a.C. e 3.300 a.C. (MEDEIROS, 2019).

De acordo com Medeiros (2019) a primeira biblioteca que existiu foi a de Nínive. Datada do século VII a.C, essa biblioteca era composta de 22.000 tabuletas de argila, mas acredita-se que houvesse papiros, quadros de madeiras e de cera. Outra grande biblioteca da Antiguidade foi a de Pérgamo, sendo a responsável por inventar o pergaminho. Infelizmente todas as bibliotecas da Antiguidade foram destruídas. (BATTLES, 2003).

Para Medeiros (2019) não se sabe muito sobre as primeiras bibliotecas egípcias, no entanto se conheça a importância da escrita para eles por volta de 3100 a.C. O suporte deles eram o papiro, utilizado por volta de 2500 a.C. Os egípcios davam muita importância a escrita podendo dizer que existiam bibliotecas (MEDEIROS, 2019). Segundo Barbier (2008) a primeira biblioteca egípcia foi criada ano III antes de Cristo e se situava no palácio de Gizé.

Segundo Martins (2002), a primeira biblioteca com característica pública e que reunia as obras no mesmo lugar, foi a de Alexandria. De acordo com o mesmo autor, a biblioteca de Alexandria reuniu o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade, criando um centro de estudo e pesquisa, deixando um legado para o desenvolvimento da humanidade. Esta biblioteca foi a que mais resistiu, mas, foi destruída no século IV.

Salienta Mey (2004) que a biblioteca de Alexandria era visitada por sábios, estudiosos e artistas e que até 48 a.C. foi o centro cultural do planeta. São diversas as causas relatadas sobre a sua destruição, mas a que mais se difunde é a de um incêndio que pode ter sido provocado propositalmente ou por acidente.

Não há muita precisão sobre a qual foi a primeira biblioteca pública, pois, para Medeiros (2019), a primeira biblioteca pública se deu em Atenas por obra do Psistrato. Conforme Santos (2012), o império romano absorveu a estrutura das bibliotecas da Grécia, tendo muitas bibliotecas particulares formadas por espólio de guerras. Era comum a casa romana ter espaços exclusivos para as mais variadas obras.

A biblioteca pública romana foi iniciada por Júlio César, inaugurada após sua morte e sendo seu acervo em grego e latim. Esta biblioteca era aberta a todo o povo romano. De acordo com Battles (2003), a maior biblioteca de Roma foi a Ulpiana, também destruída ao longo do tempo.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, inicia-se a Idade Média e nesta época, segundo Martins (2002), houve três tipos de bibliotecas: Monacais (mosteiro e abadias); Particulares; Universitárias. No início da Idade Média ainda havia resquício da Antiguidade, sendo os usuários do acervo um público restrito. Os mosteiros e conventos constituíram suas bibliotecas e, de acordo com Santos (2012), seus livros eram trancafiados para evitar saques. Neste período iniciaram as oficinas para copista, atribuições dos monges que trabalhavam com reprodução e restauração. Os suportes que utilizavam eram variados, utilizava-se desde de cacos de cerâmicas, tabuinhas cobertas de cera, maço de folhas de papiro a palimpsestos (pergaminhos raspados). Para Martins (2002), pode-se citar duas importantes bibliotecas dessa tipologia: a de Cassiodoro; e a biblioteca de um mosteiro sírio liderado por Moisés de Nisibis.

Ainda de acordo com Martins (2002), as Bibliotecas Bizantinas e as ocidentais contribuíram para o Renascimento. As bibliotecas do ocidente se destacaram na literatura latina, já as bizantinas eram núcleos da civilização helênica. Conforme Martins (2002), quando Constantinopla foi invadida pelos turcos em 1453, os monges deste lugar foram para o ocidente levando consigo um grande acervo, influenciando, dessa forma, a Renascença.

De acordo com Battles (2003), no fim do século XIII, as Universidades criaram suas próprias bibliotecas, sendo a primeira Sorbonne, democratizando seu acervo. Neste período, surge o bibliotecário, como um organizador e disseminador da informação. Destacaram-se também as bibliotecas universitárias de Orleans, Médica de Paris, Oxford e a de Cambridge.

Santos (2012) destaca que o papel da biblioteca como disseminadora de informação realmente se iniciou com o Renascimento, emergindo a figura do bibliotecário do convento.

Em meados do século XV, reis e príncipes tinham suas coleções para uso e havia as bibliotecas particulares.

O nome da primeira biblioteca pública moderna foi a Biblioteca de San Marco, fundada por Cosmici, em 1444. O Renascimento ampliou as funcionalidades das bibliotecas, novos tipos de livro, uma nova política de leitura como pontua Santos (2012). A biblioteca historicamente foi censurada, silenciada, de poucos privilégios e destruída ao longo do tempo. Para Medeiros (2019), desde os primeiros registros e até a queda do Império romano do ocidente, grandes bibliotecas surgiram e desapareceram.

No Brasil as bibliotecas, segundo Fonseca (2007), foram organizadas pelos jesuítas em seus colégios, começando pela Bahia no século XVI. Com o passar do tempo, outras ordens religiosas foram se estabelecendo – franciscanos, carmelitas, oratorianos, mercedários – e com elas, novas Bibliotecas se construíram. Ainda de acordo com Fonseca (2007) a primeira biblioteca pública brasileira foi inaugurada na Bahia, em 1811.

3.3 HISTÓRIA DO LIVRO

Diante das dificuldades de acesso aos registros escritos desde os tempos ancestrais surgiu, em Roma, o livro. Báez (2006, p 97) descreve que em 181 a.C. “o formato dos livros se manteve em Roma, isto é, continuaram o rolo de papiro e o pergaminho, mas a tenaz atividade destrutiva também continuou”.

Contudo, o livro da Antiguidade clássica é um volumen, ou seja, um rolo. O volume era fabricado a partir de tiras de papiro (o *Cyperus papyrus*), vegetação encontrada em abundância no vale do Nilo. Depois foi substituído pelo pergaminho, material de origem animal extraído do couro de mamíferos e, até em alguns episódios da história, da pele humana: “ao que parece, no período do Terror, na Revolução Francesa, curtiram-se muitas peles humanas, para os mais diversos fins, como culottes, botas, chinelas e livros” (MARTINS, 2002, p.64).

Do pergaminho construiu-se o códex, ou o livro dobrado e encadernado. Para Barbier (2008) a generalização do códex data apenas dos séculos III e IV: a pele de carneiro era preparada para servir de suporte à escrita, depois, uma vez copiado o texto, ela era dobrada uma ou duas vezes para constituir um caderno.

Escarpit (1976) aponta que na Idade Média a importância do livro (códex) era de tal forma que não existia ofício de mais mérito que o de copiar ou ilustrar com iluminuras ou

miniaturas um manuscrito. Conforme observa Rasteli (2015), até meados da década de 1450, só era possível a reprodução de um texto copiando-o à mão e, mesmo com a revolução oportunizada pela imprensa, a cultura do manuscrito perdurou até o século XVIII, e até mesmo o XIX. Segundo Chartier (1999), para os textos proibidos pela Igreja Católica, cuja existência deveria permanecer secreta, a cópia manuscrita continuava sendo a regra.

De acordo com Rasteli (2015) somente a partir do século XIV novas camadas da sociedade principiam a ter acesso aos materiais escritos. Os novos leitores eram os nobres, burgueses, mercadores e magistrados, que além de almejar obras técnicas, queriam dispor de livros de distração, de imaginação e de romance.

Martins (2002) observa que em vários autores há a indicação de Johann Genfleischzur Laden, conhecido como Gutenberg, como personagem principal responsável pela invenção da tipografia em caracteres móveis. Guedes (2001) também estabelece outros nomes prováveis para os inventores da imprensa, citando Fust, Schoeffer, ou ainda Coster ou Waldvogel.

Logan (2012) diz que a invenção da imprensa provocou uma explosão no número de livros produzidos e uma revolução na cultura, levando à Reforma, à literatura (nacional, pura, genuína), ao nacionalismo e à revolução científica. No fim do século XVII e durante o século XVIII surgem os primeiros livros para crianças. Zilberman (1994, p.13) relata que “antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a infância”.

Salienta Rasteli (2015) que a prensa metálica, a prensa de rolos e a pedal, a prensa mecânica a vapor, foram as técnicas na editoração impulsionadas pela Revolução Industrial. A partir disso, inicia-se a era das grandes tiragens, dos livros de bolso, das enciclopédias e das edições de luxo.

De acordo com Martins (2002), passou 300 anos até o aparecimento da imprensa no Brasil, a primeira tipografia de que se tem notícia foi por volta de 1752, sendo destruída a pedido do regime colonial. A instalação de uma imprensa oficial no país, a Impressão Régia, deu-se somente em 1808, por D. João. Salienta Fonseca (2007) que “ficou para Pernambuco o consolo de ser o berço não da tipografia, mas da literatura brasileira, porque em Olinda o português Bento Teixeira compôs a Prosopopeia, primeiro poema escrito no Brasil”. (FONSECA, 2007, p.35)

3.4 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A ESCRITA SUMÉRIA

Para responder ao objetivo “c” foram selecionadas e analisadas doze publicações científicas constantes na Scientific Electronic Library Online (SciELO), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Base de Dados Referenciais em Ciência da Informação (BRAPCI) e Directory of Open Access Journals (DOAJ). Os dados referentes a essas publicações foram tabulados no Microsoft Excel, cujas análises se descrevem a seguir.

No tocante ao período de publicação, o Gráfico 1 apresenta os treze anos de discussão bibliográfica na amostragem analisada.

Gráfico 1: Anos de publicações.



Fonte: Elaborado pelo autor. 2020.

Observa-se que os doze trabalhos estão distribuídos em sete anos, sendo o primeiro publicado em 2006 e os seguintes nos anos de 2007, 2009, 2010, 2016, 2017, 2019. Constatase que não houve constância e regularidade e que o assunto é pouco explorado. No o ano de 2010 houve o maior número de publicações com um total de três artigos.

No tocante às revistas que publicaram estes artigos, apenas uma consta com duas publicações, o que demonstra a pluralidade de periódicos que se interessaram pela temática. No Gráfico 2, apresenta-se os títulos dessas revistas.

Gráfico 2: Revista

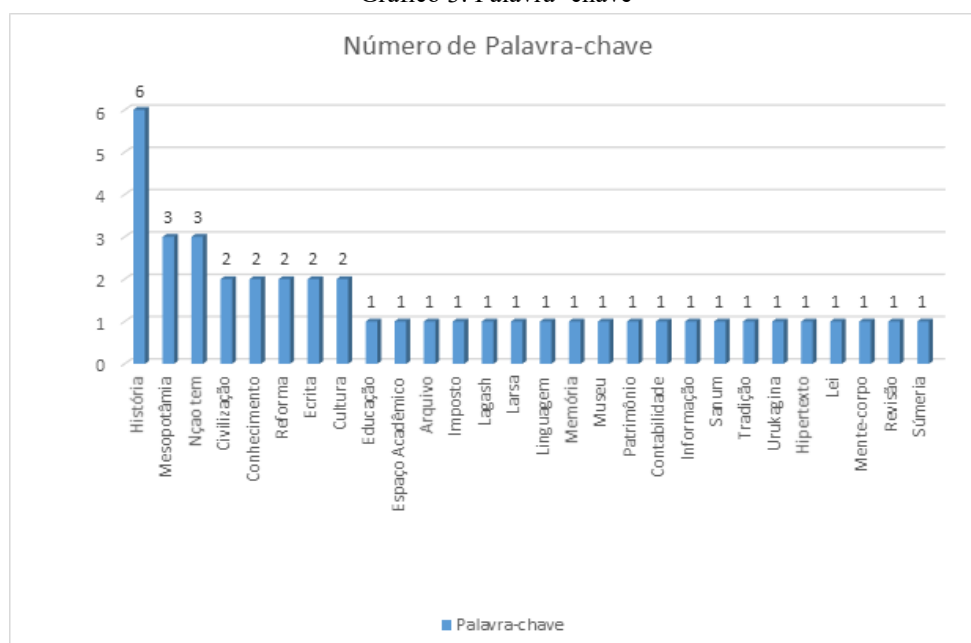


Fonte: Elaborado pelo autor.2020.

Já sobre as áreas das revistas, destaca-se a área de História com cinco periódicos (Revista de História, Anais do Museu Paulista, Clássica: revista de estudos clássicos, História, Maracanan). Outras áreas, cada constando um artigo são: Multidisciplinar (Entramado); Contabilidade (Enfoque: reflexão contábil); Tecnologia (Ciência e tecnologia dos materiais); Ciências sociais (Espaço acadêmico); Psicologia (Psicologia); Biblioteconomia (Revista Interamericana de Bibliotecologia).

Analisou-se também o descritor estabelecido pelos autores como palavras-chave. Nesse aspecto, a pluralidade dos termos também se confirma e pode ser visualizado no Gráfico.

Gráfico 3: Palavra- chave



Fonte: Elaborado pelo autor.2020.

Verifica-se que o termo de maior relevância é “história”, sendo cinco o número de publicações com esse termo. Em seguida, a palavra “mesopotâmia” é usada em três publicações, mesmo número de artigos que não possuíam palavras-chave. Com duas ocorrências verificam-se os descritores “civilização”, “conhecimento”, “reforma”, “escrita” e “cultura”.

Embora a maioria dos artigos aborde a escrita como a principal contribuição dos sumérios, a pesquisa mostrou outros aspectos dessa civilização. Pela análise dos artigos, pode-se dizer que a contribuição dos sumérios se deu também: na constituição de um sistema contábil; nos registros primitivos da relação corpo e mente; criação de um dos primeiros sistemas tributários. No que se refere ao primeiro e último aspecto destacado, mostra-se a relevância da civilização suméria nas concepções basilares do Estado.

Sobre o aspecto contábil, Gonçalves (2010a), explica como se dava a prática contábil na região mesopotâmica. Nesta prática se destacaram os Sumérios, Acadianos, Babilônios, Persas e os Assírios. Segundo o mesmo autor, se deve à civilização Mesopotâmica duas importantes criações: a escrita cuneiforme (3.500 a.C.), conhecida apenas por uma classe da elite; e as cidades-estado. Nessa organização, cada cidade tinha um rei, era murada, possuía uma divindade própria, um centro comercial e o templo religioso.

De acordo com Gonçalves (2010b), essa organização social foi responsável pelo desenvolvimento do conhecimento contabilístico ao estabelecer a contabilidade por símbolos. Esse sistema foi inventado antes da contagem abstrata e da escrita. O autor descreve que os primeiros documentos de que se tem registro foram constituídos por pequenas tábuas de argila com inscrições cuneiformes, datadas de há mais de 5000 anos que não contém palavras, nem textos, apenas contas e números.

Segundo Gonçalves (2010b), foi com a necessidade de conservação das contas originadas de processos administrativos que incentivou o surgimento da escrita na antiga Mesopotâmia. Assim, conforme defende o autor, a contabilidade precedeu à escrita, ou seja, o registro da riqueza incentivou a escrita. Segundo o autor, os registros em placas de argila representam aquilo que se pode considerar como os primeiros vestígios de Contabilidade, desempenhando um papel importante no surgimento da escrita e do estado.

Sobre os registros primitivos da relação corpo e mente, Castro e Landeira (2010) explicam que diversas civilizações antigas (Mesopotâmia, Índia, Egito e China) desenvolveram perspectivas diferentes sobre esse aspecto. Relatam que, provavelmente, o

homem pré-histórico tenha notado que traumas cranianos eram capazes de produzir sérios distúrbios mentais, como perda da consciência. Contudo, a ausência de registros escritos impede que se possa determinar com exatidão o tipo de conhecimento que essas culturas possuíam sobre a relação entre o cérebro e as funções mentais.

Segundo Castro e Landeira (2010), as informações que se possuem sobre os povos mesopotâmicos são provenientes dos tabletas de escrita cuneiforme, utilizados para os registros administrativos, econômicos, culturais e políticos. A enfermidade, tanto física quanto mental, estava, no caso dos mesopotâmicos, associada diretamente a um pensamento sobrenatural. Deste modo, as doenças estavam intimamente associadas à ação dos deuses. Os povos da Antiga Mesopotâmia adotavam um sistema médico empírico, que consistia basicamente em uma longa lista dos sintomas, associados a determinados espíritos/demônios. Identificado o demônio/espírito maligno responsável por aquela doença, o tratamento era executado, e consistia basicamente em rituais de exorcismo ou do uso de misturas de ervas associadas a encantos.

De acordo com Castro e Landeira (2010), as prescrições médicas mais antigas encontradas na Antiga Mesopotâmia foram escritas na língua suméria. O diagnóstico médico consistia na investigação realizada por meio de um longo interrogatório, bem como pelo uso de técnicas de adivinhação, calcadas na astrologia e na hepatoscopia, inspeção do fígado de animais – especialmente ovelhas – em busca de sinais reveladores dos deuses. Os autores concluem enfatizando que a mente humana sempre provocou o fascínio ao longo da humanidade e que as primeiras civilizações se preocupavam em compreender o funcionamento do próprio ser humano. Nesse caso, a preocupação maior era de produzir um sistema de conhecimento que pudesse explicar a natureza da atividade mental.

Já no que se refere à invenção de um sistema tributário, é o artigo “La primera reforma tributaria en la historia de la humanidad” de Morales, Pineda e Monsalve (2019) que estabelece essa discussão. Segundo os autores, devido aos movimentos de dominação que ocorriam entre os povos da antiguidade, ocorreu, na Mesopotâmia, a primeira reforma social que, conforme defendem os autores, foi uma verdadeira reforma tributária em favor do povo na Suméria. De acordo com os autores, as características da civilização suméria, o ambiente geográfico, suas invenções como a escrita, a roda, a cerveja, a organização comercial e os sistemas políticos desencadearam sistemas tributários e aduaneiros.

Por fim, cabe ressaltar a análise ao único artigo recuperado da área de Biblioteconomia, o artigo “A transmissão do conhecimento através do tempo: da tradição oral ao hipertexto” de Lima (2007). Embora não se refira aos sumérios de forma específica, a discussão que a autora faz sobre a história da escrita e seu berço na Mesopotâmia fez com que a publicação pertencesse ao *corpus* da pesquisa. Nesse aspecto, Lima (2007) procura desenvolver uma narração cronológica sobre a transmissão do conhecimento desde a escrita até o hipertexto. Nesse caminho, discorre sobre a importância da criação das bibliotecas, que surgiram primeiramente como ‘templos’ para guardar documentos em argila, papiro e pergaminho, e, posteriormente, das demais formas de transmissão do conhecimento. Nesse sentido, autora confirma a tradição biblioteconômica de relacionar história da escrita com a história das bibliotecas e dos livros.

4. CONCLUSÃO

Graças à agricultura os nômades da antiguidade passaram a ser chamados de produtores se fixando em uma região do oriente médio. A pesquisa apresentou aspectos históricos da civilização da mesopotâmia, especificamente os Sumérios e sua contribuição no surgimento da escrita. Nesta região surgiu a escrita cuneiforme por meio de símbolos de signos, que se constitui como a mais antiga forma de escrita humana. Há divergência entre os pesquisadores sobre qual é a origem da escrita e a data, mas percebe-se que a criação das aglomerações urbanas privilegiou o surgimento dos registros pela necessidade de documentar as atividades contáveis, os tributos e as prescrições médicas.

Os objetivos foram cumpridos por meio da apresentação dos resultados advindos dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica. A principal constatação é a de que existem poucos trabalhos no Brasil sobre a temática em todas as áreas do conhecimento e, muito baixa a produção científica específica nas áreas de Biblioteconomia e Ciência de Informação. Para estudos futuros, espera-se ampliar o portfólio bibliográfico a partir da consulta em bases de dados internacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O. F. J. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**. Brasília, v. 2, n. 1 (jan./dez.), p. 89-103, 2009. Disponível em:

https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf. Acesso em: 12 abr. 2020.

ANDRÉ, T. C.; BUFREM, L. S. O conceito de escrita segundo a teoria histórico cultural e a alfabetização de crianças no primeiro ano do ensino fundamental. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 22-42, jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1239/pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BÁEZ, F. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas suméricas à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 249 p.

BARBIER, F. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008. 475 p.

BARBOSA, M. T. **Do antigo Oriente Próximo a Roma**: uma abordagem da antiguidade. Guarapuava : Ed. Unicentro, 2009. 91 p.

BASTOS, C. **Introdução à Metodologia Científica**. 5. ed. Petrópolis: Vozes , 1994.104 p.

BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003. 304 p.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006, p. 265-274. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf . Acesso em 22. abr. 2020.

BRITO, A. A. de S. e. Os materiais na história da escrita (das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais). **Ciência & Tecnologia dos Materiais**, Lisboa, v. 22, n. 1-2, p. 102-112, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ctm/v22n1-2/v22n1-2a12.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CARDOSO, C. F. **As sociedades do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Ática, 1995. 96 p.

CASTRO, F. S.; LANDEIRA, F. J. Alma, mente e cérebro na pré-história e nas primeiras civilizações humanas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 141-152, abr. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722010000100017> Acesso em: 20 ago 2020.

CHARTIER, R. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999. 122 p.

CHILDE, G. **A evolução cultural do homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. p.230.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 744 p.

ESCARPIT, R. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: FGC/INL, 1976.156 p.

FONSECA, E. N. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 152 p.

- FUNARI, P. P. **Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Edunicamp, 1995. 150 p.
- GARBINI, G. **Mundo antigo**. Rio de Janeiro: José Olympio: Expressão e Cultura, 1966. 175 p.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
- GONÇALVES, M. Análise de práticas contabilísticas na antiga civilização mesopotâmica. **Enfoque: Reflexão Contábil**, Maringá, v. 29, n. 1, p. 09-17, abr. 2010a. Disponível em: <https://doaj.org/article/43946ac1ea4d466b9bdce3eda353e7dc>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- GONÇALVES, M. Viagem Histórica pelo Vetusto Mundo da Contabilidade. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 47, p. 35-42, jan/mar. 2010b. Disponível em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/pensarcontabil/article/viewFile/749/744>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- GUEDES, F. **O livro como tema: história, cultura, indústria**. [S. l.]: Verbo, 2001. 416 p.
- HOOKER, J.T. **Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga**. São Paulo: Melhoramentos, 1996. 473 p.
- HORN, G.B. **Diretrizes para produção de trabalhos monográficos**. Curitiba: FIES, 2001. 100 p.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 311 p.
- LIMA, G. N. B. O. A transmissão do conhecimento através do tempo: da tradição oral ao hipertexto. **Revista Interamericana de Bibliotecología** (Colombia), v. 30, n.2, n. 2, p. 275-285, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/137440>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- LOGAN, R. K. **Que é informação?: a propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2012. 274 p.
- MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. 519 p.
- MEDEIROS, A. L. As bibliotecas na antiguidade. **Memória e Informação**, v. 3 n. 2, n. 2, 69-85 p. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127434>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- MENEZES, E. M. **Pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009. 86 p.
- MEY, E. S. A. Bibliotheca alexandrina. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 2004. 71-91 p. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2081>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MORALES, A. M. C.; PINEDA, C. M. R.; MONSALVE, O. O. V. La primera reforma tributaria en la historia de la humanidad. **Entramado**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 152-163, 10 jan. 2019. Universidad Libre. <http://dx.doi.org/10.18041/1900-3803/entramado.1.5419>. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-38032019000100152&lang=pt. Acesso em: 11 jun. 2020.

PINSKY, J. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2011. 160 p.

POZZER, K. M. P. **Escritas e escribas: o cuneiforme no antigo Oriente Próximo**. *Classica*, São Paulo, v. 11, n. 11, 1999.

RAMOS, F. P. História do analfabetismo no Brasil. **Para entender a história**, São Paulo, v.1, 2010. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2010/12/historia-do-analfabetismo-no-brasil.html?m=1>. Acesso em: 26 dez. 2020.

RASTELI, A. A evolução da palavra escrita e o acesso às novas formas de construção de sentido. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas** (Portugal), n. 4, p.102-116, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/62521>. Acesso em: 19 maio 2020.

ROSA, C. A. P. **História da ciência da antiguidade ao renascimento científico**. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 469 p.

SANTOS, J. M. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p.175-189, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/2986>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC/PPGED/LED, 2005.138 p.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009. 440 p.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1994.